

A TÉCNICA DO ENSINO DA TAQUIGRAFIA

*Tese apresentada pelo Professor Frederico Burgos ao Congresso
Internacional de Taquigrafia - Londres - 1937*

(Extraído da REVISTA TACHYGRAPHICA)

O ensino de taquigrafia tem sido, entre nós, até certo ponto, um

problema de difícil solução. É que, infelizmente, ainda são conservados no campo taquigráfico os antigos processos didáticos, como se a evolução não fosse um fenômeno natural que a tudo atinge.

Evolução é movimento, é transformação, é progresso. E é por efeito da evolução que temos hoje os mais aperfeiçoados motores e os mais engenhosos maquinismos. Os automóveis, as locomotivas, as máquinas de escrever, os aviões apresentam-se dia a dia aperfeiçoadíssimos.

Logicamente, também, os processos de ensino, sob a influência da evolução, acham-se, na época atual, muitíssimo melhorados, o que tem facilitado e apressado a aprendizagem. Não devemos, portanto, furtar à influência benéfica da evolução o ensino da taquigrafia, dificultando-o, retardando a sua marcha, que pode e deve ser rápida, quando são adotados processos didáticos que se firmam em boa técnica.

Os estudos de taquigrafia e de piano têm como base principal a destreza manual. Há, pois, entre eles, grande afinidade.

No estudo de piano, a repetição dos exercícios, as escalas executadas, muitas e muitas vezes, concorrem para o desenvolvimento da destreza.

No estudo de taquigrafia, a repetição da escrita também concorre para o desenvolvimento da destreza; é imprescindível. E é por isso que Pernin dizia: “Repetition brings up the speed”.

Ninguém poderá, ao piano, executar com destreza uma música, sem que tenha se exercitado, desde o início da sua aprendizagem, em escalas repetidas. Igualmente, ninguém conseguirá escrever em taquigrafia, com rapidez, palavras que lhe sejam desconhecidas, isto é, que não foram repetidamente escritas no decorrer de seu estudo.

Da boa orientação técnica provêm o progresso e a facilidade no estudo de taquigrafia.

Desde o início do ensino, o professor deverá despertar o entusiasmo dos alunos pelo estudo, tirando-lhes a impressão errônea de que a taquigrafia é uma arte difícil de ser aprendida e provando-lhes, com fatos concretos, que o ensino por ele ministrado é uma realidade.

As primeiras lições deverão ser cuidadosamente dosadas de acordo com a capacidade e o aproveitamento dos alunos. É mister que todas as lições sejam distribuídas aos alunos em folhas de papel com os exercícios datilografados e taquigrafados. Esse processo, além de ativar a intuição, é de grande utilidade, porque os exercícios taquigrafados, servirão de guia para os estudantes, em caso de dúvidas sobre a escrita de certas palavras. O professor, todavia, deverá taquigrafar à vista dos alunos o conteúdo das lições que forem distribuídas.

As lições posteriores deverão trazer, para exercício, o maior número possível de palavras constantes das lições anteriores. Essas palavras serão taquigrafadas pelos alunos. Dessa forma, os alunos irão revendo, gradual e constantemente, sem esforço mental, os exercícios antigos, o que lhes facilitará de modo sutil e agradável a rápida percepção.

Quando os alunos já se acharem em condições de taquigrafar com facilidade qualquer palavra isolada, ser-lhes-ão distribuídas folhas de papel contendo trechos, mais ou menos extensos, datilografados e taquigrafados, para exercícios repetidos. Isso feito, esses trechos serão ditados repetidamente para cada aluno, marcando-se o tempo gasto por minuto. Outros trechos deverão ser dados, desta mesma maneira, como exercícios, durante mais algumas aulas. Mais tarde, então, serão feitos ditados de trechos novos, isto é, totalmente desconhecidos para os alunos. O ditado, a princípio, deverá ser feito com velocidade gradativa durante 3 períodos de 2 minutos cada um. Serão adotados gráficos e boletins para controle da velocidade, os quais constituem um excelente meio para estimular os alunos. Estes, à proporção que a sua velocidade aumenta, sentem-se entusiasmados e confiantes no seu triunfo, porque podem observar o grau de progresso de seu aproveitamento.

Exercícios de cópia devem ser adotados para o aperfeiçoamento e legibilidade dos signos.

O professor deverá sempre ditar alguns trechos, exigindo que os alunos, na aula seguinte, os traga traduzidos e novamente taquigrafados. Essa tarefa facilita a formação do ambiente taquigráfico, porque o estudante é compelido a taquigrafar e a traduzir repetidamente.

Com o desenvolvimento da destreza e resistência dos alunos, os ditados passarão a ser de 3 minutos durante 3 vezes e por fim de 5 e 10 minutos seguidos. A repetição dos ditados deverá continuar por algum tempo, embora os alunos já estejam em condições de taquigrafar com rapidez e de primeira vista qualquer assunto.

O tempo de estudo diário deverá ser de uma a duas horas, divididas em espaço de 10 e 15 minutos, devendo o estudante descansar quando sentir-se fatigado.

Os exercícios longos prejudicam e desanimam, porque quando a mão e o cérebro de acham exaustos, nada será aproveitado.

A questão da tradução é importantíssima. A tradução é, não há dúvida, a “chave de ouro” das notas taquigráficas. Deverá, pois, merecer especial atenção, porque um taquígrafo que é incapaz de traduzir as suas notas com rapidez, tem pouco valor. O bom taquígrafo não deve decifrar as suas notas, mas sim traduzi-las.

Os alunos, desde as primeiras aulas, devem traduzir todas as palavras que escreverem, sendo para isto necessário que o professor exija a tradução de tudo que for objeto de ditado.

O professor, que deve ser um psicólogo e amigo sincero e devoto de seus discípulos, quando algum aluno demonstrar, sem causa justificada, dificuldade na tradução de suas notas, deverá estudar o caso com interesse, fazendo desaparecer essa dificuldade por meio de modernos processos didáticos que facilitam e apressam a interpretação.

(NOTA: A transcrição acima foi feita adaptando-se a grafia de 1937 à grafia atual.)